O PULO DO GATO

contos infantis

Livro editado e impresso pela editora QUÁRTICA PREMIUM - RJ - 2014.
Autor: Pedro Luiz de Mello Meirelles (Pedro LM Meirelles) pedrolmmeirelles@bol.com.br

Ilustrações: Adriano Loyola
adriloyola@gmail.com

CONTOS:

O PULO DO GATO

MICO SEM MÃE

O SABIÁ E O MENINO

CHINCHELÉCO

O PULO DO GATO

NUMA FLORESTA DISTANTE das grandes cidades, viviam um gato- maracajá (gato do mato), uma suçuarana (onça parda) e vários outros animais; como dona coruja, senhora tamanduá, compadre tatu , assanhado sanhaço, e milhares de outros pássaros e milhares de milhões de insetos. O caso é que andava um boato correndo de boca em boca da bicharada, num burburinho malvado, dizendo que o bicho, o qual, em toda a história da vida da comadre suçuarana, não havia ainda caçado, era o maracajá, mui esperto e ligeiro. E diziam que era por falta de competência da famigerada Suçuarana. Numa manhã florida, na qual as abelhas ziguezagueavam coletando pólen e driblando colibris; a dona Suçuarana foi se achegando de mansinho, como todo bom felino o faz, à beira de um rio, para matar sua sede, que estava grande e salgada! Ouvindo um zum, zum, zum, proveniente do outro lado do rio, estalou as orelhas para melhor ouvir e farejou o ar para melhor sentir o odor de quem proseava do lado de lá. — Bom dia, amigo tatu!

Bom dia, Senhor Macaco! – respondeu o tatu-canastra que estava somente com a cabeça para fora da toca.
O Macaco-prego estava pendurado num galho de um belo pé de Araticum carregadinho de deliciosos frutos e como todo bom macaco, degustava com poucos modos e falava de boca cheia. — Sabia tatu, que o único bicho que a dona Suçuarana traiçoeira não conseguiu caçar, até hoje, foi o gato Maracajá? — Verdade? – disse o tatu. — Esse Maracajá é um bicho muito ligeiro e inteligente. Claro que o Macaco tinha lá seus motivos para aumentar o fogo da fofoca, pois era sempre perseguido pelos dois felinos no seu dia-a-dia.
A suçuarana que ouviu a prosa difamatória tossiu e bradou: — Como é isso? O maracajá é mais esperto, ágil e arisco que eu? – perguntou.
Antes de qualquer coisa, o Macaco deu um salto e foi parar na copa do Araticum e o tatu cavoucou mais um pouco sua toca. Com o falatório dos bichos, dona coruja, que tinha acordado de seu sono, saiu de sua morada — um tronco caído. — uuhuu, uhuu, piou a coruja, por que todo alvoroço? – Perguntou.

— É verdade oh sábia coruja, que as Suçuaranas não são hábeis o suficiente para caçarem gatos maracajás? — Perguntou a felina irritada. — uuhuu, uhuu, assim o dizem. — Respondeu a velha ave, taciturna e sonolenta e remendou: — uuhuu, uhuu, agora me deixem dormir, por favor! — Entrando para sua casinha aconchegante.
A onça resmungou: — Até agora, até agora! Porque hoje mesmo apanho o Maracajá que mora por essas redondezas! — Nesse instante, por pura coincidência ou destino, aparece o ágil e feliz Maracajá, que, sem saber de nada, deu bom dia a todos, inclusive a dona Suçuarana, e também foi beber no rio. Dona Suçuarana arrepiou os pelos e foi-se chegando para perto do gato, e este torceu seus finos bigodes e sentiu que alguma coisa estava errada. — Algum problema lhe aflige amiga Suçuarana? – perguntou o gato.

— Mais ou menos. – Disse a onça amuada.
— Hoje mostrarei a todos que uma suçuarana pegou um maracajá! E, sem avisar, deu um terrível urro e um bote mortífero para qualquer animal, claro, menos para o Maracajá, que saltou para cima, deu uma meia-dúzia de pequenos saltos mortais; uma arranhada no lombo da Suçuarana e caiu em pé. A suçuarana perplexa disse: — Que pulo estranho, amigo Gato!
— Amigo? – pensou o gato.
— Eu estava brincando, não quero caçá-lo, pois somos parentes, na verdade, somos primos!
— falou a Suçuarana com cara de mentirosa.
O Maracajá, que não nascera ontem e, pelos muitos perigos já havia experimentado claro que não creu na história da prima perigosa. A Suçuarana implorou ao sestroso gato: — Por favor, primo, ensina-me teus pulos? — O gato-maracajá, mui esperto e com intenção de dar-lhe uma lição, resolveu ensiná-la. Disse:

— Tente pegar-me!
– A Suçuarana saltou e o gato pulou para um lado, saltou de novo e o gato foi para o outro lado, outra vez, e mais outra e o Maracajá ia mostrando todos os segredos de seus pulos. Hora eram para o alto verticalmente, de repente, eram para os lados e por baixo, e rolava e dava saltos triplos, quíntuplos mortais e sempre caia em pé (como é natural dos gatos-maracajás), e com miados roucos e finos, debochava da Suçuarana que já estava ficando muitíssima brava. Até que a grande felina o encurralou numa clareira, perto dum tronco de uma grande árvore caída. Será que, enfim, uma "onça-parda" irá matar um gato-do-mato? Todos os animais que assistiam a este espetáculo estavam aflitos, afinal, sabiam que a Suçuarana não caçava Maracajás e essa briga era por causa de uma fofoca. Então, a Suçuarana foi-se aproximando, mui cautelosamente, cuidando todos os possíveis movimentos do maracajá. Este apenas ficou imóvel, parecia hipnotizado pela Suçuarana. Será que o gato estava cansado de pular e iria deixar-se apanhar?

A Suçuarana pensou: — Vou pular com as quatro patas bem abertas para o caso dele saltar para algum lado; com a cabeça levantada, para pegá-lo caso pule para cima; com a cauda para baixo, caso ele role sob mim!
Salto muito esquisito fez a Suçuarana!
E pegou o gato? Qual nada!
O maracajá saltou para trás, num pulo fantástico, único que não tinha ensinado à traiçoeira prima.
Passou de costas por cima do tronco e, rindo, fugiu mata adentro.
A Suçuarana bateu a cabeça no tronco e ficou zonza por uns minutos, e com muita dor e raiva, entendeu que tanto ela, como o gato, foram vítimas do falatório da bicharada e que não deveria ter dado ouvidos à conversa alheia. Humilhada, esturrou forte e todos os bichos que se encontravam próximos esconderam-se em suas tocas.

MICO SEM MÃE

NUMA PARTE DA MATA ATLÂNTICA, vivia um Mico-Leão-Dourado com seu filhote. Numa terrível noite de tempestade, o galho onde se escondiam, quebrou e, mãe e filho caíram de muito alto. A mãe caiu por baixo de seu filhote, protegendo-o da mortífera queda. Ela ali ficou, estatelada, mortinha. Triste, o micozinho ficou só e, para não ser devorado por alguma onça ou outro predador, num instinto de sobrevivência, tratou de subir para a copa de qualquer grande árvore. Aquela noite foi a pior de todas!

Chorou e gemeu, clamou a Tupã por sua mãe e, enfim, adormeceu recostado num galho retorcido, de imponente Figueira.

O dia amanheceu claríssimo com um fantástico e barulhento: "Bom dia!" dado por todos os pássaros. Sauí (assim era o nome do macaquinho) abriu os olhos devagar porque o príncipe Coaracy (sol) estava muito brilhante após a chuva. Aracy, mãe do dia e dos pássaros, era a maestrina dessa maravilhosa orquestra.

Nada ficava despercebido, intocável pela musicalidade e luminosidade, tudo era perceptível, desde o menor dos insetos, a mais robusta árvore ao preguiçoso escondido animal. O nascer do dia trazia sempre novas esperanças...

Sauí saltou de seu galho. Só e triste, buscava alimentos, pois, agora não mais poderia mamar o leite materno. Perambulou pela mata em busca de frutas e teve de súbito uma ideia, iria pedir para algum animal o adotar! — Legal, que boa ideia. — Disse em voz alta. Avistou, saindo da toca, um tatu-canastra: — Bom dia, senhor tatu, gostaria de ser minha mãe? — o tatu levou um susto, porque nunca tinha conversado com um irmão das árvores.

— Como? O quê? Mãe de quem?

— gaguejou o velho cascudo.

— Ser minha mãe, cuidar de mim.

— enfatizou Sauí. — ha, ha, ha, – riu-se todo o tatu. — Como vou saltar pelas árvores? E como você irá aprender a cavoucar e viver num buraco?

Não dará certo amiguinho.
– E entrou em sua toca, sumindo em seguida. Sauí continuou seu caminho, e em seguida, avistou uma pequena coruja que dormia sentada na abertura de um tronco caído.
— Dona coruja, a senhora quer me adotar? Quer ser minha mãe?
– A voz de Sauí era melancólica e soava como um pedido. — Quem me acorda? O que quer mico-leão dourado? — Sauí repetiu.
— Quer ser minha mãe?
— Ora, meu amigo, como posso ser sua mãe?
Você não sabe voar...
— Mas sei saltar de galho em galho. Assim, de árvore em árvore...
— Desculpe macaquinho, não tem jeito! Sou uma ave notívaga, durmo de dia e caço à noite! E você está atrapalhando meu sono!
— falou a coruja austera. Sauí estava desanimado e com fome quando ouviu alguém lhe chamar,

era uma Jaguatirica arisca e perigosa, que tinha ouvido sua súplica e, fingida, lhe disse: — Eu quero ser sua mãe macaquinho, he, he, he, vou cuidar muito bem de você, he, he, he desça até aqui para que eu possa te lamber e lavar!
Sauí ficou felicíssimo na hora e já estava descendo para abraçar sua nova "mãezinha" quando um bugio caiu próximo dali e muito rápido a jaguatirica saltou sobre o pobre e o estraçalhou com seus afiados dentes. Sauí ficou atônito, boquiaberto; apavorado, tratou de escalar a mais alta árvore que avistou. Lá de cima, via que todos os animais viviam em grupos que se ajudavam, como, por exemplo, as varas de porcos-do-mato; os bandos de araras; os bugios; os jacus. Porém, ele não tinha amigos e estava só! Chorando, pediu ao Criador uma mãe ou família que o ajudasse a sobreviver, que o orientasse sobre os perigos e armadilhas da mata. Havia, não muito longe dali, noutra parte da magnânima Mata Atlântica, uma família de Macacos-prego e, uma jovem acabara de perder seu filhinho, levado por caçadores humanos (ou desumanos) para

ser vendido para zoológicos de outros países. Ela se chamava Iguaracy, devido a sua bela cor amarelada que refletia sob a luz do sol. Iguaracy chorava baixinho e clamava a tupã a perda de seu filhinho. O anjo protetor da floresta, Caaiporã, ouvindo as súplicas de Iguaracy e Sauí, entendeu o que deveria fazer. Com um assovio bem longo, fez um chamado para os dois, ao mesmo tempo, vocês sabem, Caaiporã, como um anjo, faz coisas que só estes sabem. Ambos ouviram o assovio que dizia para cada um:
— Venha até o grande Jacarandá-rosa, tenho uma surpresa.
— Sauí perguntou-se: — Quem me chama? Será o vento?
— Iguaracy perguntou-se: — Quem me chama? Será algum pássaro?
— E o assovio chamativo continuou e eles curiosos, como todo bom macaquinho, foram se aproximando do grandioso Jacarandá e de repente! O coração de Sauí disparou de emoção, era uma mica parecida

com sua mãezinha, diferente na pelagem, mas semelhante no olhar. Ele quis sair em disparada e saltar em seu colo, mas ficou com medo de ser rejeitado como fora pelos outros bichos. Os olhos de Iguaracy resplandeceram como estrelas e seu coração quase saltou boca afora. Não cria no que acabara de avistar. Fechou seus olhinhos e reabriu-os para avistar agora com certeza aquele pequenino macaquinho, que a fez suspirar de saudade e emoção. Mas não era seu filhinho que se balançava próximo dali. — Com certeza, sua mãe deve estar por perto. Pensou Iguaracy, dando as costas ao pequeno órfão que ficou observando tristemente a bela criatura sumindo em meio às folhagens. Um novo assovio se fez ouvir, mas este era apenas para Sauí que, estacionado num galho do frondoso Jacarandá, espiava ainda o vulto de Iguaracy se esgueirando pela mata, lentamente. E esse assovio pareceu-lhe dizer: — Vá atrás dela! Ande Sauí, vá atrás dela!
– E foi o que ele fez. Não importava mais se iria ser rejeitado novamente.

Iria tentar todas as oportunidades que surgissem. Voou galhos adentro, traspassou o espaço que o separava de Iguaracy num passe de mágica e, diante dela, amedrontado e perplexo, perguntou:

— Quer ser minha mãe?

Iguaracy, com olhos marejados e um sorriso maior que o infinito, abriu seus braços e ele entrelaçou-se nela...

O SABIÁ E O MENINO

PEDROCA ERA UM MENINo muito ativo e inteligente e, tão por isso, gostava de estudar! Mas também brincava muito! Na ida para a escola, o caminho era seguido dentro das valas abertas para escoar as águas das chuvas e, encontrando seus colegas, iam todos numa algazarra tamanha que as pessoas até achavam bonito. Pedroca tinha uma paixão. Era seu pomar, que ficava no fundo do pátio onde morava. A casa era grande e o terreno muito maior que, aos olhos do menino, parecia uma infinda e encantada floresta. Ali viviam árvores da flora brasileira e exóticas frutíferas: Jabuticabeiras, Araçazeiros, Araticuns, Erva- mate, Laranjeiras, Nespereiras, todas em perfeita equanimidade. Havia um velho abacateiro bem no centro do pomar e era muito alto, com tronco grosso, e galhos retorcidos e fortes, galgava o céu, rasgando o espaço rumo a Deus. Nele, Pedroca fez sua segunda casa. Viviam nesse pomar, pássaros de todos os tipos, Sanhaços, Bem-te-vis, Sangues de boi, Corruíras,

João-de-barro, Pica-paus, Gralhas, entre outros, mas tinha um que era especial, um sabiá do peito roxo! Também havia esquilos, borboletas e mariposas. Formigas e aranhas, lagartas famintas e pulgões beberrões, que sugavam a seiva das plantas.
Gatos, também, apareciam de outras redondezas, sempre ariscos e famintos por ratos. Mas era o sabiá Roxinho como Pedroca o apelidara que era seu melhor amigo! Ele gorjeava e Pedroca respondia com assovio no mesmo ritmo. Assim, passava a tarde brincando em seu mundo encantado.
Quando, na primavera, as flores se abriam e as abelhas e insetos extasiavam-se com tanta abundância e, tudo, era um misto de cantos, perfumes, zumbidos e cores, o pátio, então, ficava parecendo um jardim de contos de fadas. As manhãs eram fantásticas!
Pedroca acordava com o canto dos pássaros. Roxinho era majestoso, cantava ou clamava sua alegria ou ira aos sete ventos. Era ele o primeiro e, ao gorjear inescrupulosamente, ia acordando pouco a pouco, todos, gente e bichos.

Roxinho, com seu melódico e ritmado canto-grito, fazia nascer um novo dia. Depois, sim, os galos iam-se posicionando e cada qual ia cantando um pedacinho da aurora, até formar-se por encanto uma grande e multicolorida manta de luz, tecida por milhares de gargantas!

Mas, nem tudo eram alegria, paz e sossego naquela pequena ilha de arvoredo... Havia, ao lado da casa de Pedroca, um bar e restaurante, onde residia um menino mau com seus pais que também tinham um mau caráter. Esse menino se chamava Laco e sua maior alegria era ferir e, muitas vezes, matar bichinhos, principalmente pássaros e, desses, o grande desafio era capturar o sabiá Roxinho.

Primeiro, porque Laco tinha ciúmes de Pedroca:

— Como pode gostar de pássaros? Dizia nas conversas com outros piás.

— E, pior ainda, como pode gostar de estudar?

Laco não era aplicado nos estudos e gazeava muitas aulas.

Também, num terreno baldio que fazia divisa com

os fundos do pátio de Pedroca, moravam alguns gatos de rua, ferozes e ágeis caçadores. Os ratos e pássaros que se cuidassem, principalmente com o maior deles chamado Barão. Tinha esse nome pelo tufo de pelos que exibia ao lado da cara chata e feia. Naquele dia, reuniram-se o bando de Barão com Laco, embaixo de uma amoreira frondosa. Ali traçavam planos de guerra. Barão falou com voz rouca.

— Hoje à noitinha, pego o Roxinho!

— Mas como?

Perguntou um dos gatos, o mais magricela da turma, de coloração amarelada parecendo um ratão do banhado, talvez, por ter comido tantos desses roedores é que tinha aquela cor característica. Isto pensou Laco que riscava o chão com um pedaço de pau.

— É primavera, seu gato vira-latas. — respondeu o Barão.

— E daí? — retorquiu o magricela.

— Mas tu és tapado mesmo, ô gato feio.

Não reparou que o Roxinho arrumou uma namorada e não tem olhos nem bico para outra coisa? Pois bem, ele está com a guarda baixa. E vou aproveitar para armar uma emboscada. Só preciso descobrir onde estão preparando o ninho e será fácil, fácil, eh, eh, eh.
Riu-se todo o gato Barão.
— Grande estupidez. — disse, enfim, o menino.
— Todo ano é a mesma coisa, procuramos, procuramos e nada! Nunca encontraremos o ninho do Roxinho. Ele é mais esperto que nós.
— Finalizou. Nisso Laco tinha razão! Roxinho e sua amada estavam construindo sua casinha muito bem escondida dos predadores e era o mesmo que procurar agulha na palha!
— E que ideia tu tens? – perguntou Barão.
— Pensei o seguinte...
E jogando o pauzinho longe, levantou-se num salto, como realmente tivesse tido um lampejo de uma ardilosa ideia. Continuou:

— Ganhei um apito que imita o canto de qualquer sabiá, e vou chamar a namorada do Roxinho, ela vai pensar que é ele e vai cair na armadilha — alçapão. Espalharei pão umedecido em seu interior e a dona sabiá vai ser presa pelo pecado da gula, ha, ha, ha, ha. Riram-se todos, aprovando a boa ideia do menino, não que este fosse mais inteligente que os gatos, mas porque tinha prazer na maldade, e os felinos agiam, em grande parte, pela instigação da própria natureza. Naquele dia, Pedroca não foi à escola, a gripe tinha lhe deixado abatido. Não tinha vontade nem mesmo de sair para sua encantada floresta. Mas, mesmo assim, notou que Roxinho não tinha vindo dar-lhe as boas vindas na soleira da porta da cozinha e roubar restos de comida. Decerto estava ocupadíssimo com o futuro dever de papai. Assim, pensou e, voltando para seu quarto, postou-se em frente à janela com olhar atento, buscando avistar seu amiguinho. Porém, daquela posição era impossível ver algum pássaro em meio ao emaranhado de galhos e

folhas.
O tempo estava ferrugento com cara de brumas e más notícias. Uma garoa, fina como fios de linha incolor, paulatinamente, iniciou sua dança sobre as copas das árvores e, incessante, ia formando minúsculas gotas cristalinas que se demoravam a desprenderem-se das folhas e esticando-se todas lembravam belíssimas estalagmites. Pedroca pensou aborrecido: — Ora bolas! Não chega a gripe, essa garoa não me vai deixar sair de casa. Com o rosto colado na vidraça, continuava olhando para o pomar na esperança de avistar seu amiguinho. Roxinho estava desesperado, fazia alguns minutos que não via sua amada. — Por onde andarás? — perguntou a si mesmo. Nesse instante, ouviu um assovio melancólico de Sabiá que provinha das bandas do Espinheiro. Era assim que denominavam o pátio onde imperava o menino mau e seus asseclas. Um calafrio percorreu por suas penas. Voou com muito cuidado e, num galho de nespereira, pousou. Dali podia avistar o território inimigo de um bom ângulo e com total segurança.

Assim, perscrutou toda a área, onde, logo próxima da cerca que dividia os pátios, uma frondosa e exuberante amoreira se destacava. E era dali que vinha o assovio tristonho e amedrontado. Era ela, sua passarinha, a mãe de seus filhinhos que estavam crescendo dentro dos ovinhos ainda em sua barriga. Estava grávida ou, para os bichinhos, prenhe. Um temor terrível deixou-o tonto, quase desfaleceu de medo e angústia. Pois avistou sua companheira presa num alçapão e, escondidos em vários pontos, os gatos e o menino Laco. O Barão estava sob uma grande folha de bananeira aparecendo apenas seus grossos bigodes e os outros cada qual camuflado pela vegetação. Laco se encontrava escondido atrás do tronco da amoreira, com um estilingue a mão. A senhora Sabiá, que se chamava Aninha, debatia-se em vão, presa no vil alçapão e chamava desesperadamente pelo seu amado Roxinho. Este, vendo todo esse medonho espetáculo, pensou: — Se desço, não terei chance alguma e perecerei juntamente com Aninha, mas será melhor morrermos que viver com essa triste agonia. No momento em que ia voar até o alçapão,

ouviu um assovio de muito conhecido. Quê alegria! Ao avistar seu amigo Pedroca, este sim era menino bom, um anjo que Deus enviou para cuidar dos pássaros e bichinhos. Pedroca, não suportando ficar longe de sua "floresta", saiu escondidamente pela janela de seu quarto para dar apenas um bom-dia a seus amigos e, em especial a Roxinho. O pássaro voou ao derredor de seu amigo e contou-lhe tudo na voz dos passarinhos, isto é, assoviando. Pedroca esgueirou-se por detrás das árvores e, dum ponto estratégico, observou Laco e os gatos que pacientemente esperavam o momento de pegarem o Roxinho. Teve, então, uma ideia. Primeiro correu até seu quarto e peg ou seu estilingue. Para ele, era um brinquedo que usava para atirar em latas e guerrear com caroços de mamonas contra os meninos que o provocavam. – Vá pedir ajuda a Sereia, ela saberá
como agir. — disse a Roxinho. Sereia estava amamentando seus filhotes e eram cinco cachorrinhos peludos que brigavam pelas tetas recheadas de leite. — Sereia, Sereia. — Clamou, quase gritando. — Venha nos ajudar! Aninha foi presa num alçapão pelo Laco. — Calma Roxinho.

— E, levantando-se, saiu de seu ninho, sem antes ralhar com seus filhotes, dizendolhes: — Não saiam daqui, volto logo. Assim, Sereia seguiu Roxinho até onde estava Pedroca. A velha e valente cadela, que sempre fora a guardiã da casa avisando de quando bêbados ou mesmo ladrões tentavam entrar e eram repelidos com ferocidade não vista por qualquer cachorro, disse à Pedroca: — Cuida do menino que eu espanto o Barão e seu bando. Tu, Roxinho, quando os gatos fugirem, libertas Aninha, entendido? — Sim, senhora! — responderam unissonantes.
Sorrateiramente, Sereia rastejou por entre a vegetação e foi até o final da cerca divisória. Lá tinha um buraco que dava certinho seu médio corpo de Perdigueiro. Passou para o outro lado e foi se aproximando da amoreira, vindo por detrás dos não tão escondidos malfeitores. Nesse ínterim, Pedroca armou seu estilingue com uma pedra-barro, daquelas que, quando bate, se desmancha, não machuca, porém, dói e assusta. Roxinho, num galho, esperava agir, com o coração batendo descompassado que dava para ouvi-lo de longe. Sereia foi chegando mais perto, mais perto e...

— auau auau auau auauau, grrrrau, miau, fissh, ai, passa cadela estúpida. Foi um pandemônio o ataque da Sereia, surpresa total. Os bichanos fugiram espavoridos, pois sabiam que ela era muito forte e ágil, e, acima de tudo, lutava bravamente. Laco ficou só e correu em direção ao alçapão com o intuito desesperado de barganhar sua prisioneira. Um estalo! Um grito. Laco caiu de joelhos e, com as mãos no rosto, começou a gritar:

— Meu olho, ai estou cego. Estou cego! Mamãeeeeee.

Levantou-se aos gritos, desceu um barranco em direção à sua casa:

— Mamãeeeee!

Roxinho, com o forte bico, destrancou a porta do alçapão libertando Aninha e voaram para o seu ninho. Pedroca escondeu seu estilingue e correu para seu quarto, fechou a janela, pôs o pijama e enfurnou-se sob o grosso cobertor de lã. Passado alguns minutos Laco e sua mãe, conversavam na sala com os pais de Pedroca. Em seguida entraram em seu quarto, Laco ainda choramingava como um bebezinho. A mãe de Pedroca foi até a beira de sua

cama, pôs as mãos em sua testa e disse. – Vês! Está até com um pouco de febre e dorme faz um tempão! Meu filho não pode ter sido o responsável pela pedrada em tua testa.

O pai de Pedroca perguntou a Laco: — Você viu quem realmente te acertou?

— O menino coçou a cabeça e disse:

— Não, não vi ninguém...

Noutro dia, a mãe de Pedroca lhe fez algumas perguntas como: — Você saiu para o pomar ontem, meu filho. — Ou:

— Soube que alguém acertou uma pedra-barro na testa de Laco?

— Nossa! — respondeu Pedroca, segurando-se para não rir.— E é verdade que furou seu olho, mamãe? — Claro que não, imagine! Se isso tivesse ocorrido teu pai já o teria levado para o hospital. Este Laco é um menino muito ruim e peralta, deve ter se machucado à toa. Mas... Como você ouviu isso, meu filho?

— Foi o Roxinho quem me contou mamãe!

CHINCHELÉCO

CHINCHILA É UM BICHINHO parente do rato! Ao contrário deste, usa um casaco de pele bem quentinho, sabem por quê? Porque onde ele vive faz muito frio e tem uma Cordilheira que é um morro altíssimo, coberto de neve eterna. É nessa linda Cordilheira, chamada Andes, que nosso amiguinho Chinchiléco vive. Chinchiléco gostava muito de aventuras! Um dia de vento gélido de tiritar os ossos, resolveu descer do alto da montanha para um lugar mais quente sem pedir nem avisar seus pais, pois era desobediente. Aproveitou que todos dormiam tirando a "siesta" da tarde e iniciou sua caminhada morro abaixo. Do alto, se avistava um belíssimo vale chamado Aconcágua. Cortava o centro deste vale um largo rio de águas geladas e enfeitavam a sua orla pequenos arbustos de f lores coloridas, contrastando com o branco da neve e o amarelo-palha do deserto. Chinchiléco estava feliz, ao mesmo tempo, assustado, pois nunca tinha saído de perto de sua família e amigos. Mas decidira conhecer o baixo Andes e sentir com seu olfato

outros odores. Assim, cheirava tudo que era diferente, como as flores brancas e vermelhas chamadas de "copihue"; as rosas moscadas; as ervas — cidreiras e tantas outras plantas espalhadas em meio ao deserto. Chinchiléco estava boquiaberto e distraído, e nem um bichinho pode viver distraído, ainda mais num lugar em que existem outros animais perigosos, como serpentes e águias. Atrás de uma pedra, uma "marakaboya" (cascavel) estava espreitando a pequena Chinchila que ora cheirava uma flor, ora comia uma sementinha que achava no chão. Quando, de repente, ouviu um barulho de chocalho "chaachaachaachaachaa" e avistou a sua frente a terrível víbora pronta para dar o bote. Diferente dos outros roedores, Chinchiléco não ficou paralisado. Sua reação foi a de saltar para longe e, numa disparada, fugiu dali com o coração aos pulos. A cascavel fez cara de poucos amigos e enrolou-se sobre a pedra e sob o tíbio sol da manhã, esperando outro bichinho distraído para aplacar sua fome. Porém os perigos não cessaram! Chinchiléco, curioso, fazia toquinhas na areia apenas para se espojar e se esconder do sol. Estava atento e sempre olhava para todos os lados prevenindo-se de algum perigo, mas...

Não prestou a devida atenção ao céu! Lá do alto o altivo e magnânimo Condor com seus olhos que tudo enxergam o avistou. E desceu como um foguete, pois estava com fome e a pequena chinchila seria seu aperitivo. Num átimo de tempo, uma grande sombra pairou sobre o pobre

do Chinchiléco que, antes de pensar em correr, já estava preso numa das garras da águia. Chinchiléco gritou de dor e medo, e, antes que a ave alçasse voo para muito alto, num reflexo de sobrevivência, mordeu fortíssimo com seus dentes afiados uma das garras. A ave com um estridente grito o soltou. Chinchiléco caiu muito rápido, como uma pedra e tchibum dentro do rio Mapocho. Aprendera de forma muito estressante a voar e também a nadar. Depois disso, iniciou sua longa jornada de volta para sua casa onde sua família estava muito aflita lhe procurando. Aprendeu que não deve sair para longe sem avisar seus pais, a olhar para os lados e para trás. Para o alto, tem que sentar sobre as patas traseiras e levantar todo o corpo. Assim, depois de um dia muito perigoso de aventuras, repousou em seu fofo ninho no calor de sua família, mas, antes, levou uma bronca de seus pais.